

NOVA CRÔNICA – 1*

Chego em má hora; bem o sei. O meu antecessor, farto de esperar assunto *para-lamentar*,¹ adormeceu. Não direi que seja o sono do justo, mas o do infeliz. Com efeito, o que mais houve para-lamentar foi o cronista. Circunscrito ao *dize tu, direi eu* dos pais da pátria,² não lhe sobrava alimento e... caiu de fraqueza.

Eu proponho-me a correr este mundo e o outro, e a *prendre mon bien où je le trouve*.³

*
* *

Entro por uma observação geral, para me dar uns certos ares de importância, muito necessários a quem escreve para o público: Não há país novo que tenha passado por tantas alternativas como o nosso. Por qualquer face que se encare a sociedade brasileira, são para notar as transformações, ora para o bem, ora para o mal. Das nossas instituições sociais, uma só não mudara: a *mofina*.⁴

* A edição desta crônica foi preparada a partir de SI (n. 447, p. 3574-3575, 4 jul. 1869). As abreviaturas utilizadas nesta edição encontram-se ao final do texto editado. Editor: Ivo Korytowski. **Nova chronica** na grafia original. Esta nova coluna, de periodicidade irregular, só foi publicada cinco vezes, nos números 447 (4/7), 450 (25/7/1869), 476 (23/1), 477 (30/1) e 480 (20/2/1870) da *Semana Ilustrada*. Muito provavelmente, devido a essa dispersão no tempo, as separações dos tópicos nas cinco crônicas não foi feita com a mesma sinalização: no n. 447, três asteriscos triangulados; no n. 450, os mesmos três asteriscos, na mesma forma; no n. 476, um só asterisco simples; no n. 477, três asteriscos triangulados; e no n. 480, um segmento de reta equivalente aproximadamente a três travessões. Nesta edição, uniformizamos a separação dos tópicos, com três asteriscos triangulados.

¹ Referência a uma coluna de comentários políticos, “Crônica para-lamentar” (trocadilho com “crônica parlamentar”), que vinha sendo publicada naquele espaço, assinada por Agnus Populi (Cordeiro do Povo). Com a entrada em cena da nova coluna, a “Crônica para-lamentar” foi interrompida nas edições 447-450, reaparecendo na edição 451, com esta explicação: “Tenho andado terra a terra, por falta de gás no balão; e, como sou do voto de certas pessoas, que não podem pôr os pés no chão lamoso da rua, e saem sempre de carro, às vezes à própria custa, e quase sempre à custa dos credores e dos tolos, – deixei-me ficar em casa, cedendo o passo ao escritor da *Nova Crônica*. Hoje, porém, leitor, temos pano para mangas.” (*Semana Ilustrada* 451 de 1/8/1869, pág. 3603, acessada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional) Na edição 492 de 15/5/1870 da *Semana Ilustrada*, satirizando a “Nova Crônica”, este mesmo Agnus Populi inaugura uma coluna intitulada “Velha Crônica”, que seria publicada ainda (mas agora sem assinatura) nas edições 498 (26/6/1870), 499 (3/7/1870) e 502 (24/7/1870).

² Ou seja, às discussões dos políticos.

³ “Aproveitar aquilo que encontro”, em tradução livre.

⁴ Artigo difamatório anônimo.

A *mofina* é a alavanca do diabo, que mais feliz do que Arquimedes, achou ponto de apoio na própria cauda, e com ela (com a alavanca, não com a cauda) traz o mundo aos trambolhões.

*
* *

Consignada esta verdade, acrescentemos: Mas a revolução invade tudo, tudo, até a mofina! O campo das suas proezas era dantes a imprensa, com sua predileção por um ou outro periódico. Ali estávamos habituados a vê-la; e quando dávamos um passeio em volta das *ménageries*⁵ ambulantes, que entre nós se chamam jornais, lá aparecia a mofina cuspiendo nos curiosos, como a lhama no visitante dos jardins zoológicos.

Depois a mofina apresentou-se no panfleto; depois nos discursos do parlamento; e agora, agora até no teatro.

*
* *

E isto explica o espírito cáustico de uns maus versinhos atirados à bochecha de uma grande artista,⁶ em pleno espetáculo público, por um ator que fora perfeito, se elevasse o gosto ao nível do seu talento, e impusesse a razão e a conveniência por freio à paixão.

*
* *

Nesta terra tudo faz versos... Versos? Sejam; que não tenho lazer para buscar o termo apropriado. E não sei o que mais admire, se a coragem dos poetastros, se a boa-fé de alguns periódicos.

O *Diário do Rio* é o valhacouto destes criminosos de lesa-bom-gosto, quando eles são *aristocratas*; e dá-lhes lugar de honra nas colunas editoriais.⁷

O *Jornal do Commercio*,⁸ esse, fidalgos, ou plebeus, não os conhece senão pela bolsa: se paga vai para a vala comum, que se chama *publicações a pedido*;⁹ se não paga não tem ingresso.

⁵ *ménageries*] *menageries* – em SI. Palavra francesa que significa “coleção de animais exóticos”.

⁶ A italiana Adelaide Ristori (1822-1906). O *Diário do Rio de Janeiro*, na primeira página da edição de 1/7/1869, descreve o entusiasmo da plateia com sua interpretação, no dia anterior, da feiticeira Medeia. Ao final do espetáculo, em meio aos aplausos, duas poesias (de gosto duvidoso) foram declamadas por espectadores entusiasmados.

⁷ O *Diário do Rio de Janeiro* foi um jornal que circulou, em sua primeira fase, de 1821 a 1859 e na segunda fase, de 1860 a 1878, contando aí com a forte colaboração de Machado de Assis, como redator e cronista.

⁸ O *Jornal do Commercio* foi o jornal mais longo do país, circulando de 1827 a 2016, e mesmo com a reforma ortográfica de 1943, continuou adotando a grafia antiga.

⁹ As “publicações a pedido” eram textos enviados por leitores para os jornais da época. Hoje temos dicionarizado o vocábulo “apedidos”, que designa “seção dos jornais em que se inserem notícias, anúncios, artigos, pagos e a pedido dos interessados”. (Dicionário Aulete digital)

É certo que, de longe em longe, algo de bom nos dá de colaboradores adventícios; mas é pouco; o que se justifica pela falta de tempo a empregar no exame dos pretendentes. Daqui, a rejeição quase geral.

Causa idêntica produz no *Diário* efeito diferente: admite-se tudo; e sob a responsabilidade da redação, publicam-se, louvam-se e chamam-se *poesias*, a quantos feixes de banalidades mal rimadas e pior metrificadas¹⁰ para lá lhe mandam.

*
* * *

Bem disse ultimamente na câmara um ilustre deputado: que neste país tudo produz espontaneamente, e que uma terra tão fértil não reconhece obstáculos ao seu desenvolvimento.¹¹ Assim é. Até o jacarandá dá fruto, e fruto saboroso. Esta novidade vai fazer uma revolução no mundo científico e na praça do mercado.

Ora aqui tem a prova do meu dito: No *Jornal* do 1º do corrente vêm uns versos à Grécia, a Alexandre, a Godofredo,¹² a Marte, a seus filhos, e ao Sr. comandante da fortaleza da Laje; os quais versos, em que vemos rimar *limites* com *satélites*, são assinados por J. Jacarandá.¹³

Portanto, quando alguém me perguntar que fruto dá o jacarandá? eu respondo, sem medo de errar: dá versos... dos tais.

E, como também tenho minha pretensão a privar com as musas, permita a árvore de que se fazem pianos, e outros móveis úteis e agradáveis, que eu a cumprimente com a última penca do seu formoso cacho:

“Eu, senhor, filho ignaro
da classe a que pertenceis,
compreendendo a grandeza

¹⁰ Parece faltar aqui, em SI, um “que” (depois de “metrificadas”).

¹¹ Nos *Anais do Parlamento Brasileiro*, pesquisados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, não encontrei nenhuma menção ao referido discurso do “ilustre deputado”. Ao contrário, encontrei queixas sobre a precária situação de nossa agricultura, como na sessão de 26 de junho de 1869 (*Anais*, edição 3, pág. 318), em que se discutiu a dotação de verbas para escolas agrícolas na Bahia e Sergipe, onde o Sr. Menezes Prado afirmou: “O país inteiro reconhece que é desanimador o estado em que se acha a lavoura do Brasil [...]” e “Ao ver-se o abandono em que jaz a lavoura entre nós dir-se-ia que o Brasil não é um país essencialmente agrícola [...]”. Ver: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/132489/50674>, dois primeiros parágrafos da coluna 1.

¹² Godofredo] Godfredo – em SI. Referência a Godofredo de Bulhão, herói da *Jerusalém libertada*, de Torquato Tasso, “um dos líderes da Primeira Cruzada e o primeiro soberano do Reino Latino de Jerusalém” (Wikipédia).

¹³ De fato, o *Jornal do Commercio*, nas “Publicações a Pedido” da primeira página da edição de 1/7/1869, apresenta um poema de gosto duvidoso intitulado “AO ILLM. SR. CAPITÃO XAVIER DE SOUZA, COMANDANTE DA LAJE”, assinado por J. Jacarandá que começa com a seguinte estrofe: “Nos tempos remotos da Grécia famosa / viveram, passaram mais de um general / que, embora envoltos no crepe dos túmulos / deixaram, saudosos, lembrança imortal.” E assim por diante. Na quinta estrofe está a rima criticada por Machado de Assis: “Soldados – seus filhos – chamar costumava / o astro qu’ aos tronos marcava *limites*, / e, ao eco sonoro da tuba guerreira, / surgiam, aos centos, milhões de *satélites*.” (grifos nossos)

do trato, próprio de reis,
tomo agora a liberdade
de, na frase d'amizade,
dirigir-vos um saúdo,
que sei não recusareis...”¹⁴

Este *saúdo*, que lhe dirijo, na sua própria frase, é acompanhado de uma profunda reverência à cadeira em que estou sentado, a qual é da madeira, que produz tais frutos.

*
* *

E o que sinto é que não tenham aparecido na *vitrine* do *Diário* em companhia dos panegíricos de pé quebrado e das mofinas laudatórias.

*
* *

No segundo espetáculo da Ristori¹⁵ estavam os espectadores à vontade.

Foi o que, em linguagem de empresário, se chama meia-casa.

Grande número de assinantes mandaram¹⁶ vender os seus camarotes e cadeiras. Comprei uma por três mil-réis, para ver e admirar a grande trágica no papel de Medeia.

O abatimento lancei-o à conta do Sr. Giacomo Gleck (Giasone),¹⁷ que me fez desconfiar do heroísmo dos Argonautas. E mister me foi ler a *Medeia* de Eurípides, como a mais antiga, para me reconciliar com eles. O que diriam os que assistiram à representação da tragédia grega, 431 anos antes de Cristo, se vissem a moderna *encarnação* do herói mitológico?¹⁸

Só se os consolasse o notabilíssimo talento do Sr. Alesandro Grisanti no papel de *Orfeu*, personagem que não entra na obra do poeta heleno.¹⁹

*
* *

E quanto ao mais, dispensem-me de tomar a mim o papel da aia da princesa de Colcos,²⁰ na tragédia antiga:

¹⁴ Aqui Machado reproduz a última estrofe do poema publicado pelo Sr. Jacarandá naquela edição do *Jornal do Commercio*.

¹⁵ Na quarta-feira, 30 de junho de 1869, repetindo a *Medeia*, ocasião em que foi homenageada com os dois poemas já referidos.

¹⁶ mandaram] madaram – em SI.

¹⁷ Sr. Giacomo Gleck (Giasone),] Sr. Giacomo Gleck, (Giasone) – em SI. Crítica ao ator Giacomo Gleck no papel de Jasão (Giasone em italiano), líder dos Argonautas, por quem Medeia se apaixonou.

¹⁸ Existem várias versões da tragédia de Medeia: de Eurípides, Sêneca, Corneille e, na época de Machado, Ernest Legouvé (*Médée*, 1855), versão esta apresentada pela companhia teatral da Ristori, conforme lemos no artigo “Medea – Ristori” da *Semana Ilustrada* 446 de 27 de junho. Entretanto, nos anúncios de venda das assinaturas, o nome foi erroneamente grafado Legomé.

¹⁹ O mítico bardo, músico e profeta Orfeu teria participado da expedição de Jasão e os Argonautas.

²⁰ Colcos] Colchos – em SI. Medeia, princesa do antigo reino da Cólquida, originado de uma confederação de povos colcos. Ver verbete “Cólquida” na Wikipédia.

Cupido cepit miseram nunc me proloqui
Cælo atque terræ Medesai miserias.²¹

*
* *

Na quinta-feira apresentou-se-nos a Ristori, pela primeira vez, no papel de Pia de Tolomei.²²

Renuncio a descrever as delícias e os martírios por que me fez passar a grande trágica. Eu nem a pude aplaudir: tal era o pasmo!

O público deu-lhe inequívocas provas de admiração; e pudéramos dizer que teve no Sr. Furtado Coelho o seu intérprete. O diretor do Ginásio,²³ o distinto ator, o poeta, o músico, o cavalheiro, acompanhado de todos os artistas do seu teatro, cerimoniosamente vestidos, subiu ao palco do Lírico, e saudou eloquentemente a imortal filha da Itália. Os espectadores sentiam-se bem representados, e mais de uma vez interromperam o discurso com seus aplausos.

Foi um belo momento. A companhia do Ginásio, cortando por todas as banalidades recebidas, não deu à Ristori nem coroas, nem flores, nem versos, nem anéis; deu-lhe os corações, deu-lhe o que se deve a uma deusa: o culto

SILENO.

Abreviaturas utilizadas nesta edição

SI – *Semana Ilustrada*.

Referências

ASSIS, Machado de [Sileno]. Nova crônica. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 447, p. 3574-3575, 4 jul. 1869.

²¹ Sem itálico no original. Tradução: “Agora apoderou-se de mim, miserável, o desejo de declarar / ao céu e à terra as misérias de Medeia.”

²² Em 1º de julho de 1869 a atriz Adelaide Ristori e a Companhia Dramática Italiana apresentaram no Teatro Lírico Fluminense, na 3ª récita de assinatura, a tragédia em 5 atos *Pia de Tolomei*, de Carlo Marengo (1836).

²³ Teatro Ginásio Dramático.